

A polissemia das palavras: Entre a História e a Literatura

LEITE, Eduard dos Santos (autor/es)
MANSAN, Jaime Valim (orientador)
duduandstv_lg@hotmail.com

Evento: Congresso de Iniciação Científica
Área do conhecimento: Teoria e Filosofia da História

Palavras-chave: historiografia; literatura; ciências humanas.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ. O trabalho refere-se à discussão do que é historiografia e o que é literatura. As diferenças do discurso historiográfico para o discurso literário. Basicamente, o que diferencia, em forma, conteúdo, público, forma de fazer, sendo duas obras narrativas. Parece ser uma questão simples, mas é algo que envolve forte discussão nas Ciências Humanas e que implica o questionamento do próprio fazer histórico como ciência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico principal é Jean Paul Sartre, que discute as implicações da subjetividade na produção das narrativas. Com isso, buscamos ir para além da simples explicação estruturalista que pretende o marxismo ortodoxo, porém sem abandonar a complexidade do movimento dialético.

Outros autores que complementam o debate são Eric Hobsbawn e Raymond Williams.

3 MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

Através da Análise de Conteúdo dos autores referidos, pretendo discutir os conceitos utilizados, chegando a uma síntese do que podemos considerar como diferenças e semelhanças entre o discurso historiográfico e o discurso literário.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Qual o ponto essencial em que uma obra adquire o cunho de historiografia e/ou de romance, de ficção? Certamente não é uma problemática nova. A grande querela entre metódicos e historicistas, em que os sociólogos adquiriram autonomia como ciência e que as levas seguintes de historiadores (Annales, materialistas, pós-estruturalistas) absorveram como paixão, é justamente essa. Porque ela traz um gigantesco problema: qual a validade do conhecimento histórico como “verdade”, como ciência ou, como queiram, interpretação da realidade, de uma realidade, percebida a partir dos olhos de outrem, tendo claro que a História trabalha com fontes do passado?

A busca por Sartre não tem necessariamente a ver com a questão tratada neste texto; nesse sentido, foi uma coincidência que o autor tratasse do tema. Sartre

é muito influente no pensamento do fim de século XX e início do XXI. Suas discussões existenciais perturbam o espírito contemporâneo. Assim, sou um curioso do discurso sartriano no momento em que escrevo.

Como diferenciar esta subjetividade da encontrada nos romances? Neste ponto surge o brilhantismo de Sartre: o discurso literário é fechado, acabado. Já o discurso historiográfico é científico, ou seja, dado à mudança, à pesquisa, às novas descobertas. É mutável, e por isso é ciência. É dialético, por isso é historiográfico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, é isto: a obra historiográfica tem um método determinado, um discurso com elementos essenciais consonantes, mas aberto à modificações, trabalha com um objeto em particular (o passado), usando a terminologia Sartriana, retotalizando esta objetificação já dada, pois a visão do historiador é sempre de segunda ordem, escrito por um profissional, o historiador, mas o que diferencia de outras formas de escrita é sua abertura à modificação, ao questionamento, enquanto a literatura, apesar de suscitar variadas interpretações sobre a mesma obra, é imutável, acabada, fechada em sua graciosidade e em seu estilo.

REFERÊNCIAS

SARTRE, Jean-Paul. O que é a subjetividade? Trad. Estela dos Santos Abreu. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HOBBSAWM, Eric J. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

WILLIAMS, Raymond. Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.